

1 Teilhard e o seu tempo

O objectivo deste capítulo é tanto o de recordar algumas etapas da vida de Teilhard, como o de esquiçar alguns traços da sua personalidade e de assinalar alguns aspectos da sua envolvente sociocultural e eclesial.

Elementos biográficos

Pierre Teilhard de Chardin nasceu a 1 de maio de 1881 em Sarcenat, não longe de Clermont-Ferrand, nas montanhas de Auvergne.

Cresceu numa família cristã de onze filhos, cuja mãe, extremamente piadosa, era sobrinha-bisneta de Voltaire.

Com a idade de 11 anos entra no colégio jesuíta de Mongré Villefranche-sur-Saône. É ali que se desponta a sua vocação sacerdotal e religiosa.

Com 18 anos, entra na Companhia de Jesus. A sua longa formação condu-lo, sucessivamente, a Jersey, ao Cairo, a Hastings (Inglaterra), onde é ordenado padre em 1911.

Faz então estudos de geologia.

Quando rebenta a guerra de 1914, é mobilizado como enfermeiro-maqueiro. A sua experiência nas trincheiras estimula-lhe a dedicação e a reflexão, meditações que ele partilha na sua correspondência e escritos diversos.

Após a guerra, é doutorado em ciências e ensina geologia no *Institut Catholique de Paris*.

Durante dois anos, participa numa expedição científica na China.

É por essa altura que ele entra em dificuldades com a Igreja. Com efeito, um texto confidencial de 1922, no qual Teilhard exprimia a sua visão (audaciosa para aquela época) sobre o pecado original, apareceu, desastrosamente (?), nas mãos das autoridades romanas que reagiram, obrigando o sábio jesuíta a renunciar ao ensino. Este submeteu-se, não sem sofrimento, e foi praticamente exilado para Pequim até ao fim da segunda guerra mundial.

Durante esta longa estadia, participa em numerosas investigações geológicas e antropológicas a título de perito qualificado. É igualmente durante este período que ele escreve as suas duas obras maiores – *O Meio Divino* e, depois, *O Fenómeno Humano* (que só foram publicadas depois da sua morte).

Após o seu regresso a França, tenta explicar aos seus superiores eclesiásticos o significado e a importância das suas reflexões. Mas, de novo, fica incompreendido e é-lhe pedido que renuncie ao convite que lhe havia sido feito para ensinar no *Collège de France*.

Mais uma vez, afasta-se de França e encontra asilo em Nova Iorque, onde morrerá num domingo de Páscoa (10 de abril de 1955), algum tempo depois de ter estado em África participando em novas missões científicas. Assim se realizou o seu desejo ardente de deixar esta terra no dia da Ressurreição do Senhor.

Perfil moral

Esta olhadela rápida que passámos sobre a vida de Teilhard permite-nos discernir alguns traços da sua face moral. É uma face de múltiplas facetas; Teilhard foi, simultaneamente:

Um homem do terreno. Foi-o a duplo título. Primeiramente, ele amava a terra; quis conhecê-la; auscultou-a e interrogou-a com os utensílios das mãos e da inteligência. Ao

mesmo tempo, era um homem de contacto e de acção, de modo algum sonhador nem burocrata, o que não o impediu de ser um sábio de alto nível.

Um sábio. Ele era geólogo e paleontólogo. A sua competência era reconhecida, como o atestam as numerosas missões e responsabilidades oficiais que lhe foram confiadas, tanto na Europa, como em África e na Ásia. Procurou e descobriu os traços do homem, pois era o homem que lhe interessava, no seu devir e advir. O passado só o interessa na medida em que, através dele, o futuro se perfila. Teilhard é um antropólogo apaixonado pelo homem.

Um filósofo. Ele estudou e sublinhou particularmente o «passo da reflexão», i.e., a capacidade (que caracteriza o homem) de se conhecer e não apenas de conhecer. Pôs, igualmente, em relevo a incompletude do homem e a sua abertura a uma transcendência.

Um teólogo. Mesmo não sendo Teilhard um teólogo «de profissão», o seu percurso intelectual revela muitas das intuições, das hipóteses, das convicções que dizem respeito a expressão da fé. Globalmente, pode dizer-se que Teilhard aspira à passagem de uma «teologia verbal» a uma «teologia do Verbo Incarnado», com um regresso às fontes que são a Escritura e a Tradição primitivas. Distancia-se de argumentações abstratas e sente-se mais confortável com os escritos de Paulo e João. Bate-se por uma cristologia e uma eclesiologia que não se obstruam com abstrações e minudências extenuantes, mas vão direitas à pessoa viva do Cristo incarnado e ao seu prolongamento numa Igreja que escute e sirva.

Um poeta e um místico. Teilhard é um contemplativo cujo olhar capta para além das aparências. Ele sabe descobrir a presença e a acção dum pensamento e duma acção no âmago da matéria mais humilde. Sabe ler no universo os sinais duma orientação em direcção ao que ele chama ponto «ómega», que se identifica com Cristo na plenitude da sua humanidade divinizada.

A bela meditação intitulada *A Missa sobre o mundo* (a que ainda voltaremos) é uma ilustração do sentido místico de Teilhard.

Envolvente sociocultural e eclesial

O padre Teilhard de Chardin passou toda a primeira parte da sua vida numa época em que, pelo menos em França, a sociedade civil tomou progressivamente as suas distâncias em relação à Igreja.

Basta-nos assinalar algumas marcas nesta marcha em direcção à secularização (sem pretender fazer uma lista exaustiva).

Esta transformação inscreve-se nas perspectivas abertas pelo século das luzes (século XVIII), em que se exprimem as reivindicações da razão face aos dogmas definidos pelos religiosos.

A confiança na ciência substitui-se ao que se chama eventualmente o obscurantismo dos crentes.

Sob a pressão dos *livres penseurs* na linha de Voltaire, uma *fé laica* vai substituir a *fé religiosa* e originar um mundo que pretende construir-se sem referência obrigatória a princípios religiosos.

Com Jules Ferry¹, desde logo, a laicização da escola pôs fim à tutela clerical, que tomará sobretudo a forma duma expulsão massiva das congregações religiosas de magistério (entre as quais a dos jesuítas a que Teilhard pertencia).

¹ (NT) - **Jules Ferry** ([Saint-Dié-des-Vosges](#), 5 de Abril de 1832 — [Paris](#), 17 de Março de 1893), [advogado](#), [jornalista](#), [diplomata](#) e [político francês](#), [republicano](#), [maçom](#), [positivista](#) e [anticlerical](#), foi o ministro da educação (*Ministre de l'Instruction Publique*) que tornou a escola francesa [laica](#) (ou seja, religiosamente neutra) e (politicamente) republicana. Dissolveu os [jesuítas](#), criou os primeiros liceus e colégios para meninas. Tornou o ensino primário gratuito na [França](#) (lei de [16 de Junho](#) de 1881) e obrigatório

Esta laicização atingirá igualmente a magistratura, a família, o exército, a imprensa, em suma, o conjunto da vida social. Mas a secularização alcançará um dos seus cumes quando, a 9 de dezembro de 1905, será declarada a separação da Igreja e do Estado, instaurando entre as duas sociedades um divórcio mais ou menos agressivo, consoantes as diversas épocas.

Neste contexto de secularização, que marca o fim do século XIX, princípios do século XX, a Igreja fica desconfortável: sente-se desapossada duma autoridade que lhe permitia orientar as consciências e as instituições num sentido favorável, segundo ela, ao projeto de Deus. Apesar de alguns esforços de conciliação (no tempo do papa Leão XIII, p. ex.), ela tem tendência a refugiar-se em posições defensivas que acentuarão o corte entre ela e o mundo.

A Igreja negativiza tudo o que aparece como uma abertura à transformação das culturas e às questões novas colocadas pelo desenvolvimento dos conhecimentos históricos e científicos.

Nestas circunstâncias, pode-se evocar:

- a chamada à ordem, em 1910, de Marc Sangnier e do movimento «le sillon»² que se esforçava por fazer dialogar democracia e religião;
- a condenação do padre Alfred Loisy³, que procurava e propunha uma leitura crítica do Evangelho;
- as reticências paralisantes opostas aos trabalhos do exegeta dominicano padre Lagrange, que pretendia tomar em conta os dados da ciência da época na leitura da Bíblia;
- o decreto do Santo Ofício «Lamentabili» (1907) e a encíclica «Pascendi»⁴, que continha uma lista condenatória dos erros que se opunham à santa doutrina da Igreja;

O clima de desconfiança entre a Igreja e a sociedade, entre a fé tradicional e o humanismo moderno, marcou os anos de formação de Teilhard e estimulou a sua reflexão para toda a vida. Durante toda a sua existência, através dos seus escritos, esforçou-se por mostrar que a fé nada tem a perder numa confrontação e num diálogo

(Lei de [28 de Março](#) de [1882](#)). Ferry foi um adepto das ideias [positivistas](#) de [Auguste Comte](#), que o inspirou nas suas reformas do sistema educativo francês. (Wikipédia)

² (NT) - **Le Sillon** foi um movimento político - religioso francês fundado em 1894 pelo jornalista [Marc Sangnier](#)^[1] com o objetivo de aproximar o catolicismo dos ideais [socialistas](#) e republicanos franceses a fim de criar uma alternativa ao [marxismo](#) e outros movimentos operários anticlericais e construir uma nova humanidade. (Wikipédia)

³ (NT) - **Alfred Firmin Loisy** (28.02.1857 – 01.06.1940) foi um padre católico, professor e teólogo francês. É geralmente creditado como um fundador do [modernismo teológico](#) na [Igreja Católica](#). Era crítico das visões tradicionais da criação bíblica e argumentava que o [criticismo](#) da Bíblia poderia ser utilizado para interpretar as [Sagradas Escrituras](#). As suas posições colocavam-no em conflito com os membros conservadores da igreja, incluindo os [Papas Leão XIII](#) e [Pio X](#). Em 1893, foi demitido como professor do [Instituto Católico de Paris](#). Os seus livros foram condenados pelo Vaticano e, em 7 de março de 1908, foi excomungado. Após a excomunhão, tornou-se um intelectual secular. Foi nomeado Presidente de História das Religiões no [Collège de France](#), em [1909](#), e serviu ali até se aposentar em [1931](#). Nesse cargo, continuou a desenvolver a sua filosofia, descrevendo a religião cristã como um sistema de ética humanista ao invés de divino. Também desenvolveu estudos sobre as primeiras religiões e sua influência no Cristianismo. Nunca se retratou e morreu excomungado em [1940](#) em Ceffonds. (Wikipédia)

⁴ (NT) - **Pascendi Dominici Gregis** é uma [encíclica](#) do [Papa Pio X](#), publicada em [8 de setembro](#) de [1907](#). Tem por subtítulo: "Carta Encíclica do Papa Pio X sobre os erros do modernismo". O documento condena o [modernismo católico](#), considerado como uma "síntese de todas as [heresias](#)", conjugando [evolucionismo](#), [relativismo](#), [criptomarxismo](#), [cientificismo](#) e [psicologismo](#). Como consequência da encíclica, o papa formulou o "[juramento antimodernista](#)", obrigatório para todos os [padres](#), [bispos](#) e catequistas. Esse juramento foi abolido em [1967](#), pelo [Papa Paulo VI](#). (Wikipédia)

com as convicções que emanam dos novos conhecimentos históricos e científicos. Ele próprio será vítima da tibieza e da suspeição da Igreja, mas a sua mensagem atravessou a prova duma rude incompreensão e mantém-se como uma luz para o nosso tempo.

Um texto de Teilhard de Chardin

Fé em Deus e Fé no Homem

Por si só, a fé no mundo não chega para fazer a terra avançar em frente. Mas, por si só, por outro lado, será bem verdade que a Fé cristã, na sua explicitação arcaica, é suficiente ainda para elevar o mundo para o alto.

Por definição, por princípio, a função distintiva da Igreja é de saber e de poder cristianizar todo o humano que há no homem. Ora, que pode acontecer (se é que não está já a acontecer...) se a autoridade eclesiástica ignora, desdenha ou mesmo condena, sem chegar a compreendê-las, as novas aspirações? Nem mais, nem menos, que isto mesmo, que o cristianismo, na medida em que cessa de cobrir – como ele o deveria fazer – todo o humano sobre a terra, perde a sua vitalidade penetrante e a flor da sua atracção. Porque momentaneamente sub-humanizado, ele deixou de satisfazer os seus próprios fiéis...

O Para-o-Alto e o Em-frente: duas forças religiosas, repito-o, doravante confrontadas no coração de todo o homem; duas forças, como acabamos de ver, que se debilitam e definhem se as separamos; duas forças, por consequência (é o que irei mostrar) que só esperam uma coisa: que entre ambas nós não façamos uma escolha, mas que encontremos o meio de as combinar, uma como a outra.

O que no conflito religioso actual origina o drama da situação é, na opinião generalizada, o aparente inconciliável dos dois tipos de fé em presença: aqui, uma fé cristã inflamando a partir do íntimo, e, ali, uma fé «natural», fundada sobre o primado do ultra-humano e da terra. Mas será assim tão certo que estas duas forças se excluam tão positivamente uma à outra (ou seja, uma tão antiprogressista e a outra tão ateia) como dizem?

Basta um pouco de reflexão, e, também, de psicologia, para nos apercebermos que não»

*Traduzido a partir das págs.344-346 de
L'Avenir de l'Homme
(Tomo V, Obras Completas, ed. Seuil)*